

O Homem Elefante

O DIREITO DE VIVER

A PRÓPRIA VIDA E A PRÓPRIA MORTE

DRA. VERA LÚCIA DE OLIVEIRA E SILVA

Joseph Merrick (1862-1890) é o verdadeiro nome do “homem elefante”, portador de uma neurofibromatose múltipla grave (Síndrome de Proteus), imortalizado pelo médico Sir Frederick Treves no seu escrito *O Homem Elefante e outras Reminiscências*.

Baseado nas memórias do Dr. Treves e no *Estudo da Dignidade Humana*, de Ashley Montagu, David Lynch dirigiu o filme *O Homem Elefante* (1980), premiado e indicado a diversas premiações. Nas memórias, o paciente recebe o nome de John Merrick, conservado no filme.

David Lynch, que, na sequência, consagra-se como o cineasta do lado sombrio da experiência humana, já se encaminha com o Homem Elefante nesta direção: no que aproxima o “proprietário” do paciente – que o explora como aberração num circo e, em troca, lhe concede abrigo, alimentação (batatas) e maus-tratos – ao próprio médico que, por um lado, lhe reconhece a humanidade e lhe proporciona uma vida digna; e, por outro lado, se beneficia profissionalmente da onda de simpatia que seu paciente provoca na sociedade londrina. Nesta aproximação, o diretor assinala que, do mais degradado ao mais sublime, vai apenas um passo.

Outro aspecto da dualidade da alma humana que o diretor põe à vista passa-se no próprio “homem elefante”: ele é o verdadeiro protagonista da mudança que se opera em sua vida quando, num momento crítico de seu reconhecimento como humano, entrega a sua palavra, até

então escamoteada, ao Outro que o avalia. Ao recitar o Salmo 23, revela-se como portador de inteligência e sensibilidade e acaba tendo a sua dignidade reconhecida.

Uma pergunta mostra-se inevitável – o que impedia o “homem elefante” de, até ali, revelar a sua humanidade? O que o fazia submisso ao seu algoz, até então?

Algo disso ele diz, segundo o filme: ele se mortifica diante do sofrimento que supõe ter representado para sua bela mãe. Chega a dizer que, depois de ter conseguido amigos nobres, poderia se reaproximar dela e, talvez, dela obter a aceitação.

É razoável crer que ele aceitara a vida miserável, sem se rebelar ou procurar uma alternativa, em nome deste laço mortificado. Entretanto, quando outro humano lhe dispensa atenção e interesse (o Dr. Treves), ele como que divisa uma saída da miséria e dá o passo corajoso, que ninguém poderia ter dado em seu nome: diz de si.

Ao fazê-lo, acaba reconhecido pelo Outro e muda de estatuto na sociedade humana: continua portador da mesma doença e permanece sujeito à morte; porém, pode viver em outro registro e até morrer a morte que escolhe para si.

A grandeza deste filme, e o dom de emocionar que o marca, reside, a meu ver, no seu valor de metáfora: sai do particular da vida de Joseph Merrick para inscrever um universal da dignidade humana – o direito de viver a própria vida e a própria morte. **❶**

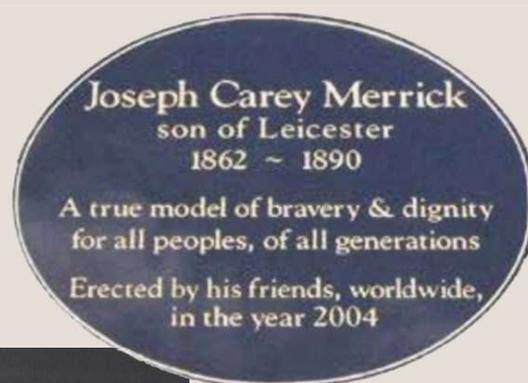
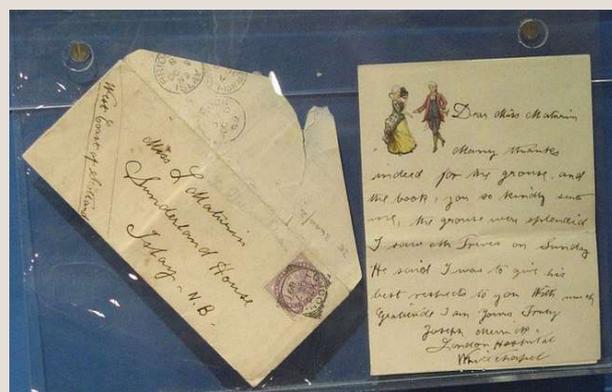
EXEMPLO DE BRAVURA E DIGNIDADE

A história de Joseph Carey Merrick, que teve início há 160 anos, nos proporciona uma das mais emocionantes lições de vida inseridas nesta edição da revista. Nascido em 5 de agosto de 1862, em Leicester, Reino Unido, não tinha nenhuma anormalidade e era lenda que a mãe tivesse sido pisoteada por um elefante; as transformações em seu corpo começaram a partir dos cinco anos e se aceleraram a partir dos 12, quando a mãe morreu de broncopneumonia. Fugiria de casa sob o descaso do pai e os maus-tratos da madrasta e, para sobreviver, virou atração principal em *freak-shows*, os tais circo de horrores. Foi nesse ambiente que o médico Frederick Treves conheceu-o e se interessou pelo seu caso, inclusive o acolhendo no hospital onde trabalhava, o Real de Londres.

Além do bom caráter, era dotado de sensibilidade e dotes artísticos. Apenas uma das mãos era hábil e foi com ela que construiu a maquete da igreja que via da janela de seu leito. A obra faz parte de acervo de museu instalado no hospital em sua memória e que inclui até mesmo o seu esqueleto, artefatos, cartas e documentos.

Merrick era capaz de chorar, mas não de sorrir. Qual fosse a alegria, o rosto permanecia impassível. E para sair à rua, usava um capuz para não alarmar as pessoas. Por causa das limitações do corpo, tinha dificuldade para as tarefas mais simples do cotidiano e tinha de dormir sentado ou agachado, com as mãos agarrando as pernas e a cabeça apoiada sobre os joelhos. De outra forma, o peso do crânio fecharia sua traqueia. E foi justamente durante o sono que ele morreu, sendo encontrado na manhã de 11 de abril de 1890. Ao que parece, a cabeça tombou para trás e seu peso provocou fratura no pescoço.

Em março de 2004, depois de campanha de durou três anos, o prefeito da cidade natal de Merrick concedeu uma placa de granito com letras folheadas em ouro em homenagem a ele, que é chamado de filho de Leicester e de “um verdadeiro exemplo de bravura e dignidade para todos os povos, em todas gerações”.



"De fato, a minha aparência é algo medonha, mas censurar-me é censurar a Deus. Pudesse eu recriar-me outra vez, não decepcionaria você. Pudesse eu abarcar o mundo de polo a polo ou agarrar o oceano num abraço, aí, eu seria medido pela minha alma, a base da mente do homem"



Maquete de Igreja (1886), cartas expõem a sensibilidade de Joseph e a placa que o homenageia como “filho de Leicester” e “exemplo de bravura”.